

Trabalho pesado era compensado pela natureza

Arquivo Pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A aventura do médico urologista Rômulo Marocco na então futura capital do país tem início no embarque para o Planalto Central. Com um senso de humor invejável e a tranquilidade de um mineiro de Estrela do Sul, Marocco se diverte hoje, aos 79 anos de idade, ao se lembrar da viagem no avião DC3: "Foram dez horas de voo do Rio de Janeiro para cá, com várias escalas em Uberlândia, Belo Horizonte, Goiânia". O desembarque, que deveria ser o alívio da intensa jornada, apenas dava sinais das dificuldades que a nova realidade guardava.

No aeroporto de madeira, onde hoje é a base aérea, as chegadas e saídas eram constantes. Marocco foi conduzido de Jipe até a região onde ficariam as quadras 206, 207 e 208 Sul. Ao contrário de muitos pioneiros, que se direcionavam para a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), Marocco seria o primeiro médico do Plano Piloto, em dezembro de 1957.

Antes de encarar o desafio da construção do novo Distrito Federal, Marocco era médico efetivo da Prefeitura do Rio de Janeiro. O convite para chefiar a assistência médica da base do Instituto dos Servidores (Ipase) em Brasília partiu do procurador Irineu Joffily, que na época chefiava o escritório de obras do instituto aqui, e do professor

Glauco Lessa, diretor do Departamento de Pessoal do Hospital dos Servidores (HSE), onde Marocco atuava. O Ipase seria responsável pela construção das três quadras citadas e Marocco se responsabilizaria pelo atendimento aos trabalhadores da obra e suas famílias. "Sabia que a missão era difícil, mas a oferta de ganhar em dobro, a famosa *dobradinha*, me atraiu", revela.

Desafio

Acostumado a viver no interior do país, o imenso cerrado fechado que era o Plano Piloto na época não o assustava. A

imensa carga de trabalho e a precariedade das condições para exercer a medicina eram o que o desafiavam. O posto médico ficava atrás do escritório de obras do Ipase, na 208 Sul. O imenso barracão reinava solitário na vegetação que futuramente daria lugar às vias de trânsito da cidade. "Ali morávamos, fazíamos nossas refeições e trabalhávamos", conta. "A cama de lona na qual dormíamos era encostada na parede e o espaço virava escritório em poucos segundos", conclui.

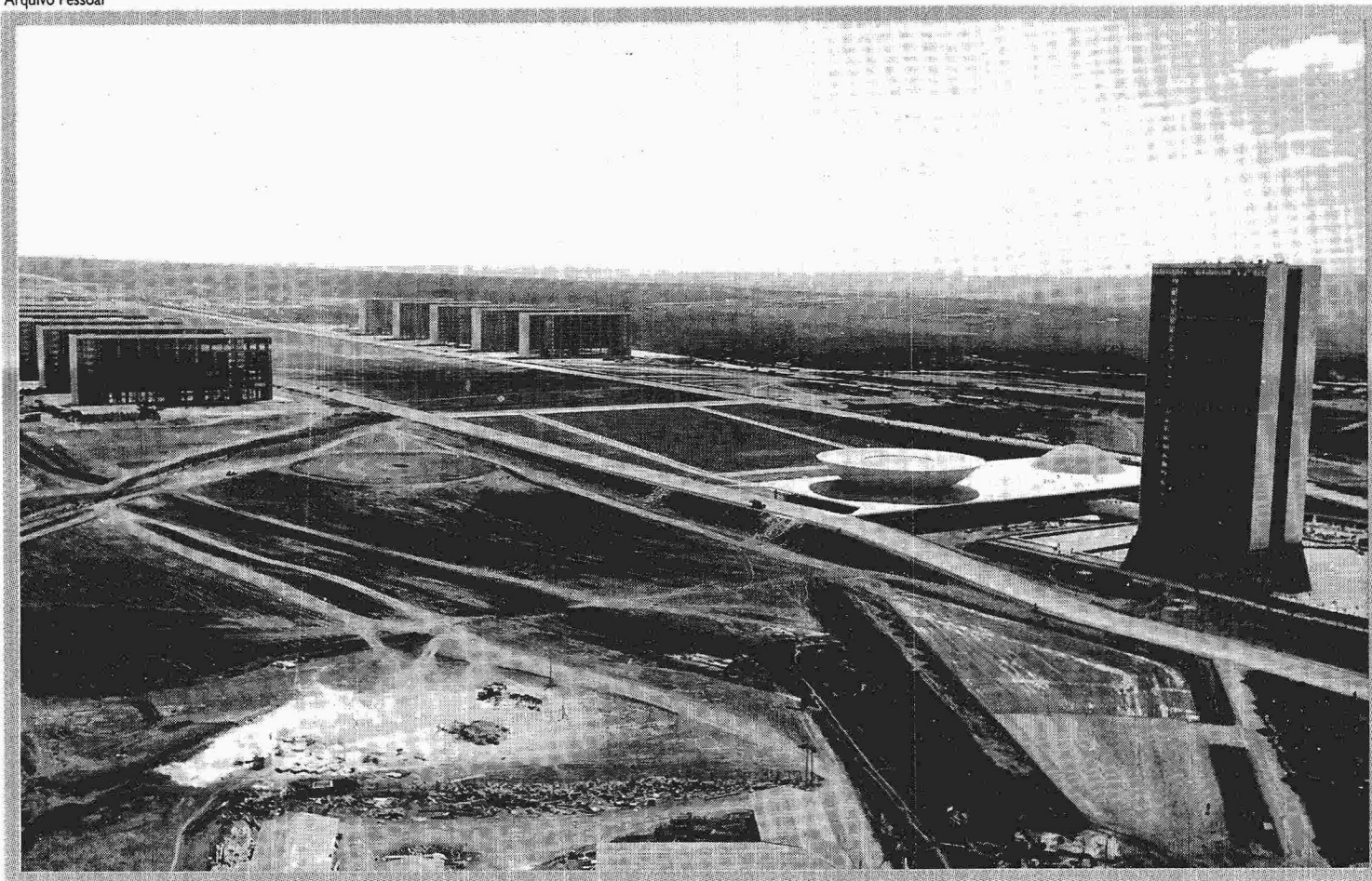
O ritmo era alucinante. To-

dos que aqui estavam precisavam ter disposição para trabalhar 24 horas por dia, pois em dois anos a capital deveria ser inaugurada. A equipe de Marocco era formada por ele e apenas mais dois auxiliares de enfermagem. A especialização em urologia nestes tempos teve que ser substituída pelo atendimento generalista. "Fazia de tudo, atendia crianças com diarreia, gripes, doenças eruptivas, dava socorro a acidentes de trabalho, fazia partos, vacinação e até veterinária", afirma. "Além disso, inspecionava fossas sépticas e examinava to-

RÔMULO LEMBRA QUE, NA INAUGURAÇÃO, APENAS UMA PARTE DA ESPLANADA HAVIA SIDO CONCLUÍDA, COMO O CONGRESSO E OS MINISTÉRIOS

dos os trabalhadores admitidos pelo Ipase", conclui.

O cotidiano pesado era recompensado por presentes da natureza nativa de um cerrado que poucos tiveram a oportunidade de ver aqui. "Era comum



Apesar de ser médico especialista em urologia, nos primeiros anos na capital, Rômulo teve que tratar das mais diversas enfermidades, de criança com diarreia a doenças eruptivas

**RÔMULO ESPEROU
CONSEGUIR UMA
CASA ADEQUADA
PARA CASAR COM
ELZA E AQUI
CONSTRUIR SUA
FAMÍLIA**

vermos lobos-guarás, veados-campeiros, cansei de ouvir o canto noturno da siriema”, recorda-se. “Quando era noite de lua cheia ou aniversário de alguém, nos reuníamos em volta da fogueira e cantávamos ao som de uma viola”, completa.

O clima também era diferente. Chovia muito de outubro a fevereiro, depois começava a seca. O frio nas noites de Brasília era insuportável. “Quando o Lago foi construído, a mudança climática foi evidente”.

Sem sofisticação, o contato com o que acontecia no mundo era proporcionado pelas sessões de cinema organizadas pelo jornalista Manoel Mendes, que na época tomava conta do almoxarifado do escritório do Ipase. “O mesmo lugar onde fazíamos as refeições dava lugar a um grande telão onde ele projetava filmes e reportagens disponíveis na época”.

A convivência familiar que existia entre os trabalhadores que aqui estavam e o entusiasmo com que Juscelino Kubitschek falava da mudança da capital do Rio de Janeiro para o centro do país animavam a todos. Mas a dúvida persistia. “Faltava tudo aqui, vivíamos numa imensa fazenda. Era difícil acreditar que ministros, senadores e deputados aceitariam viver aqui”, explica Marocollo.

Mas a inauguração aconteceu, conforme o planejado, mesmo que às pressas, com muito a ser concluído. “Apenas parte da Esplanada estava pronta, como o Congresso e os Ministérios e oito superquadras incompletas”, conta. “De 60 a 70, a construção do restante da cidade não evoluía, o que só aconteceu quando a Embaixada Americana e o Itamaraty vieram para cá”, critica.



Fora do canteiro

Com a inauguração de Brasília, em 1960, a equipe do Hospital Distrital (hoje Hospital de Base) começou a ser formada. Marocollo ficaria com a parte de assistência urológica, administração e ensino médico nas instalações do hospital, inaugurado em setembro daquele ano.

Do canteiro de obras do Ipase, o urologista mudou-se para uma casa na W3 Sul, na altura da 716. Era uma casa geminada, muito pequena. Em poucos meses, no espírito de espontaneidade com que as coisas aconteciam aqui, trocou a casa pelo apartamento de um motorista, que na época dirigia o carro oficial de Tancredo Neves.

A nova residência ficava na 305 Sul. Com a estrutura adequada para receber uma mulher, Marocollo casou-se dois anos depois, com a enfermeira

“**FALTAVA TUDO
AQUI, VIVÍAMOS
NUMA IMENSA
FAZENDA. ERA
DIFÍCIL
ACREDITAR QUE
MINISTROS,
SENADORES E
DEPUTADOS
ACEITARIAM
VIVER AQUI**”

Elza Ribeiro, natural de Filadélfia, no Tocantins. “Para ela a adaptação também foi fácil, pois estava acostumada com a simplicidade do interior”, declara.

No Hospital Distrital, tudo vinha dos Estados Unidos, desde o equipamento até os livros. Todo atendimento da população era feito lá, embora as autoridades preferissem usar o sistema de saúde das cidades próximas, como Anápolis e Goiânia.

Dificuldades iniciais superadas, o prêmio por acreditar em Brasília e na medicina desenvolvida fora do eixo Rio-São Paulo viria em 1977. Marocollo alcançou notoriedade científica nacional com a realização do primeiro transplante de rim no Brasil Central, nas dependências do então Hospital Presidente Médici, hoje Hospital Universitário (HUB), onde atualmente trabalha como médico voluntário.

Raio X

Nome:
Rômulo Marocollo
Idade:
79 anos
Ano de chegada a Brasília:
1957
Origem:
Estrela do Sul, Minas Gerais
Profissão:
Médico especializado em Urologia
Esposa:
Elza Ribeiro Marocollo
Filhos:
Rômulo, Roberto, Maria Raquel e Mariana
Netos:
Julianna, Mariana, Sara e Fernanda